Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais

Vanderci de Andrade AGUILERA
(UEL/CNPq)
Vanessa YIDA
(PG-UEL)

Resumo: Este estudo tem como proposta analisar e descrever o elenco de respostas dadas, por informantes de vinte e cinco capitais brasileiras, ao Questionário Fonético- Fonológico do ALiB. O enfoque principal está na análise da ausência de respostas à luz de variáveis diatópicas (região geográfica e localidade) e diastráticas (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade). Poucos estudos têm sido realizados sobre o tema, embora se constitua numa das grandes preocupações do pesquisador, sobretudo no momento da cartografação dos dados. Pretendemos, dessa forma, contribuir para um aprofundamento nas discussões sobre procedimentos metodológicos adotados em pesquisas geolingüísticas.
Palavras-chave: Atlas Lingüístico do Brasil; não-respostas; variáveis diatópicas e diastráticas

Abstract: This paper sets out both to analyse and describe the range of responses to the ALiB Phonetic-Phonological Questionnaire, as given by informants from 25 capital cities in Brazil. The focus is the analysis of non-answers in light of both diatopic (geographic region and location) and diastrastic variables (gender, age, and level of schooling). Few studies on the theme have been carried out; however the topic is one of the great concerns of the researcher, especially in the cartography of the data. We thus aim at contributing to a deepening of discussions on methodological procedures adopted in geolinguistics research.
Keywords: Linguistic Atlas of Brazil, non-answers, diatopic and diastrastic variables

Apresentação

Os pesquisadores que integram o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) vêm desenvolvendo, isoladamente ou junto a

orientandos, reflexões sobre o material coletado nas capitais, e mesmo no interior, de alguns Estados. Sobre isso, temos os trabalhos de Cardoso (2007), Mota (2007), Isquerdo (2007) e Aguilera (2007), pesquisadores integrantes do Comitê Nacional do ALiB. Cardoso (2007) fala sobre *A expressão do sentido existencial no português do Brasil: ter, haver e existir*, a partir dos dados coletados nas vinte e cinco capitais brasileiras. Mota (2007) analisa *O valor estilístico de variantes estigmatizadas no português do Brasil, com base em dados do Projeto ALiB,* numa amostra representada por 32 inquéritos, registrados em quatro capitais do Nordeste brasileiro. Isquerdo (2007) discute a relação rural *versus* urbano a partir dos dados do ALiB coletados nas capitais, com enfoque nas questões do Questionário Semântico-Lexical referentes à área semântica *atividades agropastoris*. Aguilera (2007) analisa *Crenças e atitudes lingüísticas* manifestadas pelos falantes das capitais brasileiras, a partir das questões metalingüísticas dos Questionários do ALiB.

Essas pesquisadoras, por sua vez, orientaram, dentre outros, os seguintes trabalhos de Iniciação Científica desenvolvidos com base em *corpora* do ALiB: Jesus (2006), Jesus (2007); Yida (2006), Pastorelli (2007) e Romano (2007).

Jesus (2006), sob a orientação de Mota, trata da *Variação fonética no Português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /s/ em coda silábica, a partir dos dados do Atlas lingüístico do Brasil (ALiB)*. Jesus e Mota (2008) discutem o conservadorismo e mudança do /s/ em coda silábica no Nordeste, a partir dos inquéritos do Projeto ALiB, coletados nas nove capitais que compõem a Região Nordeste do Brasil, objetivando traçar uma linha do tempo, mediante a qual se observa uma heterogeneidade de comportamento entre tais localidades no que refere ao fato fônico em estudo.

Sob a orientação de Aguilera, Yida (2006) destaca o *papel da geolingüística no estudo da variação lexical: o contexto da alimentação e cozinha no Brasil*, com base na análise das variantes registradas na resposta dos informantes das capitais, relativa às questões 176*: Primeira refeição matinal;* 177: *geléia/doce/musse;* 181: *canjica/ munguzá - alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela* e 185: *bala/confeito/bombom*.

Pastorelli (2007), também sob a orientação de Aguilera, analisa *as variantes cultas e populares na denominação de partes do corpo humano*, a partir dos dados do ALiB coletado nas capitais, com os objetivos de (i) oferecer subsídios para a elaboração do ALiB; (ii) conhecer a realidade

lingüística regional brasileira, no que se refere ao campo semântico do Corpo Humano, por meio das variantes coletadas nas capitais dos estados; (iii) fazer a distribuição diatópica das variantes em cartas geolingüísticas; (iv) analisar as variantes com base nas variáveis sexo e faixa etária; (v) verificar a possibilidade de traçar zonas de isoléxicas. Ao final da pesquisa, constatou que (i) é alta a freqüência de formas populares, como *capela e pele* para *pálpebra*; e *adão, nó, caroço, maçã* para *gogó*; (ii) as variantes mais cultas, ou de maior prestígio, estão se incorporando gradativamente à linguagem popular, haja vista a produtividade de *pálpebra e gogó*; (iii) alguns informantes ainda manifestam certa dificuldade para separar e nomear partes do corpo; (iv) é notória a insegurança de alguns em dar como resposta uma forma não prestigiada, o que levou a índice expressivo de abstenção; (v) por meio do levantamento das variantes regionais, pôde-se verificar que as ocorrências comuns a cada uma das localidades, como *pálpebra* e *gogó*, existem na grande maioria dos pontos lingüísticos em questão.

Sob a orientação de Isquerdo, Romano (2007) estuda as *Marcas de ruralidade no vocabulário do homem urbano*, com base nas respostas dadas às questões 42, 43 e 44 (denominações para *penca, bananas duplas, inflorescência do cacho* da bananeira) dos Questionários do ALiB.

Dentre as dezenas de trabalhos que já foram desenvolvidos a partir dos dados coletados para o ALiB, nenhum ainda se voltou para o problema da ausência de respostas ocorrida durante a recolha. Esta questão, no entanto, é crucial no momento da cartografação dos dados pelas lacunas que deixa nos espaços destinados ao preenchimento com as variantes buscadas. Sobre este fato, encontramos em Ziamandanis (1999, p. 656) o respaldo teórico para nossa investigação. Reconhece a autora que:

> en los atlas lingüísticos del mundo hispanohablante, se recogen dos fenómenos que han recibido poca atención: la falta de respuesta y el desconocimiento. [...] a primera vista, los dos fenómenos, la falta de respuesta y el desconocimiento, parecen tener resultados parecidos. Efectivamente, lo que el investigador recoge en ambos casos es el silencio. No obstante, el investigador distingue entre dos tipos de silencio. El primero, la falta de respuesta, ocurre cuando el informante no puede acceder mentalmente al vocablo. Indica que el vocablo forma parte del vocabulario suplementario del informante; no es de acceso

> fácil y rápido. Por otra parte, en una encuesta de más de 1 400 preguntas, esta falta de respuesta también puede ser el resultado de factores externos: el informante está agotado, aburrido o simplesmente flojo.

O silêncio no lugar de respostas válidas levou o grupo de pesquisadores do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB –, que integra o Regional Paraná e coordena os trabalhos nos estados do Paraná, de São Paulo e do Amapá, a refletir sobre as possíveis causas que podem determinar essas lacunas, bem como a buscar soluções para minimizá-las. Dessa forma, elegeram-se como objeto de estudo deste artigo as não-respostas observadas nas entrevistas realizadas junto aos oito informantes de cada uma das vinte e cinco capitais, no que se refere ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF), num total de 200 informantes. Os dados serão analisados em dois blocos: (i) as não-respostas dos cem informantes do nível fundamental e (ii) as não-respostas dos cem informantes do nível superior. Em cada bloco, serão consideradas para análise as variáveis: região geográfica, ponto lingüístico, sexo e faixa etária. Ao final, faz-se um balanço geral dos resultados.

1. Descrição do *Corpus* Referente aos Informantes do Nível Fundamental de Ensino

Este primeiro *corpus* constitui-se das respostas e não-respostas extraídas do QFF junto a 25 informantes jovens, isto é, na faixa de 18 a 30 anos de idade, do sexo masculino e 25 do sexo feminino de nível fundamental; e junto ao mesmo número de informantes idosos, ou seja, na faixa de 50 a 65 anos de idade, de ambos os sexos, também do nível fundamental, totalizando cem informantes.

As capitais estudadas da região Norte são: Macapá – AP, Boa Vista – RR, Manaus – AM, Rio Branco – AC, Porto Velho – RO e Belém – PA; na região Nordeste: São Luís – MA, Teresina – PI, Fortaleza – CE, Natal – RN, João Pessoa – PB, Recife – PE, Maceió – AL, Aracaju – SE, Salvador BA; na região Centro-Oeste: Cuiabá – MT, Campo Grande – MS e Goiânia – GO; na região Sudeste: São Paulo – SP, Belo Horizonte - MG, Vitória – ES e Rio de Janeiro – RJ e, na região Sul: Curitiba – PR, Florianópolis – SC e Porto Alegre – RS.

O Questionário do ALiB (Comitê Nacional do ALiB: 2001) contempla os vários níveis da linguagem: o fonético-fonológico (QFF) com 159 perguntas; o semântico-lexical (QSL) com 202 questões, o morfossintático (QMS) com 49 questões, além de outras de ordem pragmática, de discursos semidirigidos, de metalingüística, encerrando com um texto para leitura. O ALiB busca, dessa forma, contemplar os aspectos: (i) diatópico, com a investigação em 250 pontos lingüísticos, sendo 25 nas capitais e os demais no interior dos estados; (ii) o diastrático, entrevistando informantes de ambos os sexos, distribuídos em dois níveis de escolaridade e duas faixas etárias; (iii) o diafásico, com a inclusão de situações que levam à obtenção de várias modalidades de fala e os respectivos graus de formalidade/informalidade; e (iv) o diarreferencial, incluindo, pela primeira vez na história da Geolingüística brasileira, questões metalingüísticas que investigam a crença e as atitudes lingüísticas frente à fala do(s) outro(s).

Para este artigo, como já se expôs, foram consideradas apenas as 159 questões do QFF cuja produtividade será descrita, primeiramente, a partir do total das respostas obtidas nas vinte e cinco capitais junto aos cem informantes do nível fundamental, seguida da descrição das não-respostas distribuídas pelas cinco regiões, pelas capitais e pelas variáveis extralingüísticas sexo e faixa etária. Na seqüência, apresentamos o mesmo estudo junto aos informantes de nível superior de escolaridade.

Inicialmente, verificou-se que, neste primeiro *corpus*, apenas 34,5% das questões foram adequadamente respondidas por todos os informantes de baixa escolaridade. As respostas que se mostraram de fácil elicitação estão relacionadas com o fato de serem palavras de alta freqüência de uso e com poucas possibilidades de múltipla resposta. São elas: 001- casa, 004- televisão, 006- tesoura, 010- lâmpada, 012- torneira, 015- fósforo, 019- almoço, 020- ruim, 021- varrer, 025- colher (nome), 026- liquidificador, 031- casca, 033- clara (de ovo), 037- bonito, 042- cavalo, 044- abelha, 045- mel, 046- borboleta, 048- rato, 050- peixe, 055- noite, 057- ano, 058- sol, 060- sábado, 061- calor, 062- tarde, 063- três, 064- dez, 065- catorze, 070- placa, 071- bicicleta, 072- pneu, 075- passagem (bilhete de viagem), 076- real/reais, 079- obrigado (agradecimento), 086- giz, 090- Brasil, 094- correio, 106- mentira, 111- coroa, 114- orelha, 116- dente, 119- coração, 120- costas, 121- umbigo, 122- joelho, 128- homem, 130- família, 133- único, 137- voz, 139- velho, 141- meia, 144- perfume, 148- dormindo e 158- esquerdo.

O restante, ou seja, 65,5% das questões aplicadas aos informantes de baixa escolaridade que apresentaram algum obstáculo na elicitação da resposta desejada, está relacionado a diversos fatores, dentre os quais destacamos: (i) para o informante o referente em questão só admite a variante regional, como 013 (azougue para *ímã*), 024 (crivo para *peneira*), 032 (jerimum para *abóbora*), 136 (galega para *loira*), 154 (zoada para *barulho*) entre outras; (ii) a questão traz a possibilidade de mais de uma resposta, isto é, o preenchimento pode se dar por um parassinônimo, como para as questões 002 (lote, data para *terreno*), 003 (raque, armário para *prateleira*), 007 (berço, beliche para *caminha*), 009 (energia, força para *luz*), 011 (a vapor, automático para [ferro] *elétrico*), 082 (começo, princípio para *início*), 098 (short, bermuda para *calção*), 100 (colega, amigo, camarada para *companheiro*), 102 (causa, briga, problema para *questão*), entre outras; (iii) o referente não faz parte do mundo urbano do informante, ou não existe na região, como 041 (*ovelha*), 054 (*aftosa*). Com relação a esses três casos, apenas o terceiro – o desconhecimento do referente – é que, na realidade, pode ser considerado como não-resposta. Nos demais, houve a resposta, mas não era a desejada, aquela necessária para documentar a variante fonética regional a ser cartografada.

As questões com mais de 10% de não-respostas registradas junto a esses informantes foram: 082- *início* (40%), 054- *aftosa* (16%), 097- *defesa* (15%), 036- *botar* (12%), 100- *companheiro* (12%), 142- *braguilha* (12%), 095- liquidação/*liqüidação* (11%), 069- *desvio* (10%), 102- *questão* (10%). Tais variantes buscadas e não obtidas poderiam ser preenchidas por parassinônimos mais freqüentes na fala dos informantes, o que leva os pesquisadores a afirmar se realmente ocorreu uma não-resposta ou resposta divergente do objetivo da questão. Com exceção de *aftosa*, resposta ligada à vida do campo e à cultura econômica regional, não houve o silêncio, o informante não se absteve, apenas não foi capaz de buscar no vocabulário ativo a variante desejada pelo pesquisador. Quanto à *defesa*, a formulação levava ao conhecimento do mundo do futebol que as mulheres sistematicamente rejeitavam, alegando não entenderem nada desse esporte; os homens, por sua vez, respondiam primeiramente *zaga*, demonstrando um conhecimento mais específico e indicando que *defesa* era um termo mais genérico que poderia ter outros significados, como se pode comprovar pelo Aurélio (FERREIRA, 2004), que traz como *grupo de jogadores que atuam na defensiva* apenas na 11ª. acepção.

Buscando as respostas não produtivas, por região, verifica-se que há pontos convergentes e divergentes a serem analisados. O Quadro I permite visualizar as ocorrências.

Quadro I – Principais questões não produtivas, por região, na fala de informantes do nível fundamental de escolaridade, naturais das capitais

Questão	Variante esperada	Região %				
		Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
082	Início	25%	69%	25%	25%	17%
100	Companheiro	-	34%	-	-	-
097	Defesa	8%	30%	16%	-	-
054	Aftosa	13%	28%	-	19%	-
036	Botar	-	25%	-	19%	-
095	liquidação	8%	25%	-	-	-
069	Desvio	-	22%	-	12%	-
102	questão	8%	22%	-	-	-
007	Caminha	-	22%	-	-	-
138	Doido	-	6%	16%	12%	17%
142	Braguilha	13%	6%	-	12%	41%
041	Ovelha	8%	12%	-	-	-

Dentre as cinco regiões, a Nordeste apresenta não só os índices mais altos de abstenção como também o maior número de questões não respondidas ou com outras respostas. Em seguida vem a região Norte e a Sudeste. Dentre as doze questões mais difíceis para os informantes, a 082 – *início* foi a mais freqüente em todas as regiões, enquanto a 007-*caminha* (nome) e a 100 - *companheiro*, apesar de demandar reiteradas reformulações, só estiveram ausentes na fala dos nordestinos com 22% e 34% de não-respostas, respectivamente. A questão 142 – *braguilha* não foi respondida, segundo a expectativa do QFF, por 41% dos informantes da região Sul - que mantêm a variante regional *bragueta* - mas foi elicitada tranqüilamente pelos doze informantes da região

Centro-Oeste. A questão 041- *ovelha* só não foi obtida nas regiões em que não é tradição a criação de ovinos. As questões 097- *defesa* e 102- *questão* somente apresentaram dificuldades nas regiões Norte e Nordeste.

Considerando-se, num segundo momento, a produtividade das respostas relativamente a cada uma das capitais, verifica-se que o número de questões não respondidas não é semelhante entre elas, nem a porcentagem dessas não-respostas, conforme apresenta o Quadro II.

Quadro II – Capitais que apresentaram o maior número de questões sem resposta na fala de informantes de nível fundamental de escolaridade

Nº. ponto	**Capital**	**N.º de não respostas**
061	João Pessoa	53
053	Natal	52
079	Aracaju	44
034	Teresina	43
093	Salvador	38
041	Fortaleza	34
065	Recife	34
077	Maceió	34
026	São Luís	30
108	Cuiabá	30
202	Rio de Janeiro	25
006	Manaus	19
138	Belo Horizonte	19

O maior número de não-respostas dentre os informantes de baixa escolaridade foi registrado, igualmente, nas capitais do Nordeste, com abstenções de 30 a 53 questões. Seguem-se Cuiabá,

com 30 não-respostas, Rio de Janeiro, com 25 e Manaus e Belo Horizonte com 19 cada.

Uma vez confirmada a influência das variáveis região e ponto lingüístico na incidência de não-respostas ou respostas inadequadas para o QFF, na fala dos informantes com baixa escolaridade, desloca-se a análise para as variáveis sexo e faixa etária. Neste particular, verificamos que, somando todas as não-respostas obtidas nas 25 capitais, junto aos informantes 1, jovem masculino de baixa escolaridade, chegamos a 184 abstenções; junto às informantes 2, jovem feminina de baixa escolaridade, totalizaram 145 não-respostas; aos informantes 3, idoso masculino de baixa escolaridade, perfizeram 135 abstenções e às informantes 4, idosa feminina de baixa escolaridade, totalizaram 114. Estes números indicam que a variável faixa etária condiciona o maior número de não-respostas entre os jovens (57%) e menos abstenções (43%) para os mais idosos. Da mesma forma, a variável sexo também se mostrou relevante para a ocorrência de não-respostas, uma vez que os homens apresentaram o índice de 55% contra 45% entre as mulheres com relação à ausência de respostas.

Assim sendo, todas as variáveis aqui discutidas – região, ponto lingüístico, sexo e faixa etária – são relevantes para a elicitação das respostas desejadas e necessárias para a elaboração de um atlas lingüístico.

2. Descrição do *Corpus* Referente aos Informantes do Nível Superior de Ensino

As não-respostas, dentre os informantes de nível superior, apresentam um perfil semelhante ao dos informantes de nível fundamental se se considerar a natureza das questões, pois, em sua maioria, os itens lexicais se repetem junto aos informantes de um e de outro nível de escolaridade. Com 8% ou mais de abstenção estão as questões 036- *botar*, 054- *aftosa*, 103- *pego* e 138- *doido*. A grande diferença reside no índice de não-respostas, pois, enquanto a abstenção varia entre 8% e 69% entre os de baixa escolaridade, este número é bastante baixo entre os de nível superior, oscilando entre 3% e 25%. O Quadro III permite visualizar tais assertivas.

Quadro III – Questões pouco produtivas na fala de informantes de nível superior de escolaridade

Questão	Variante desejada	% de abstenção
036	Botar	25%
054	Aftosa	11%
103	Pego	9%
138	Doido	8%
102	Questão	7%
023	Grelha	5%
142	Braguilha	4%
032	Abóbora	4%
003	Prateleira	4%
152	Perguntar	4%
100	Companheiro	3%
126	Desmaio	3%

Por outro lado, a natureza das respostas é bastante semelhante, se se considerarem em ambos os grupos as questões com ausências superiores a 8%. A motivação para a não-resposta também se atém, em sua maioria, aos casos de possibilidade de inserção de parassinônimos em vez das respostas pretendidas: *botar* (colocar, pôr), *doido* (louco, maluco, biruta, pinel, raivoso), *questão* (briga, problema, causa, conta, caso), *pego* (preso), *braguilha* (zíper, bragueta), *companheiro* (colega, amigo), *desmaio* (mal-estar, vertigem). Novamente referentes próprios do meio rural (*aftosa*), ou regionais (jerimum por *abóbora*; espeto, chapa, por *grelha*) podem interferir no sucesso dos registros válidos para o QFF, coletados junto a informantes urbanos. No caso da questão que busca a variante *pego*, nem sempre o inquiridor consegue ser preciso, e o informante acaba respondendo *preso*.

No que diz respeito à produtividade por região, verificamos novamente que o Nordeste apresenta os maiores índices de não-respostas, conforme consta do Quadro IV. Em seguida vem a região Centro-Oeste e a Sudeste. Dentre as doze questões com maior índice de abstenções, as questões 036 - *botar* e 054 - *aftosa* tiveram algum índice de não respostas em todas as regiões, exceto na região Sul.

Quadro IV – Principais questões não produtivas, por região, na fala de informantes (nível superior de escolaridade) naturais das capitais

Questão	**Variante esperada**	**Região %**				
		Norte	**Nordeste**	**Centro-Oeste**	**Sudeste**	**Sul**
036	botar	2%	29%	4%	6%	-
054	aftosa	6%	7%	4%	6%	-
103	pego	2%	10%	-	-	-
138	doido	-	8%	8%	6%	-
102	questão	2%	8%	-	-	-
023	grelha	-	2%	-	3%	4%
142	braguilha	-	3%	-	3%	4%
032	abóbora	2%	3%	4%	-	-
003	prateleira	-	6%	-	-	-
152	perguntar	-	6%	4%	-	-
100	companheiro	-	3%	-	-	4%
126	desmaio	-	4%	-	-	-

Quadro V – Capitais que apresentaram o maior número de questões sem resposta na fala de informantes de nível superior de escolaridade

Nº. ponto	**Capital**	**N.º de não respostas**
077	Maceió	19
065	Recife	15
034	Teresina	15
041	Fortaleza	14
061	João Pessoa	13
108	Cuiabá	12
123	Goiânia	10
079	Aracaju	9
093	Salvador	9
053	Natal	9
026	São Luís	6
138	Belo Horizonte	6
202	Rio de Janeiro	5

O levantamento de não-respostas dos informantes de nível superior nas capitais corrobora o quadro de abstenções registrado junto aos informantes de baixa escolaridade, com a diferença em relação aos números: enquanto a abstenção entre os informantes do nível fundamental oscila entre 19 e 53 respostas, este número gira em torno de 5 a 19 questões não respondidas adequadamente. Novamente o Nordeste aparece como a região com maior número de não-respostas, com números que variam entre 19 a 6 questões não-respondidas. Da região Centro-Oeste, nas capitais Cuiabá e Goiânia, registram-se 12 e 10 abstenções, respectivamente, e na região Sudeste, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, com 6 e 5, cada. As capitais do Sul e do Norte apresentam os menores índices de não-respostas.

A contagem de não-respostas dos informantes de nível superior nas 25 capitais levou aos seguintes dados: os informantes 5, jovem masculino de nível superior, apresentam 42 abstenções; as informantes 6, jovem feminina de nível superior, 58 não-respostas; os informantes 7, idoso masculino de nível superior, 40 abstenções e as informantes 8, idosa feminina, de nível superior, 23 não-respostas. Analisando-se, do ponto de vista diageracional, as não-respostas dos informantes de nível superior, pode-se verificar novamente o maior número de não-respostas dadas pelos informantes jovens (63%) enquanto os idosos perfazem 37% de abstenções. Do ponto de vista diassexual, os homens se abstiveram um pouco mais (51%), enquanto as mulheres fizeram 49% das não-respostas, diferença, porém, insignificante.

Conclusões

Estudo pouco explorado nas pesquisas geolingüísticas, as não-respostas ou respostas inadequadas para a cartografação de dados fonéticos propiciaram significativas reflexões sobre os atores e os instrumentos da pesquisa de campo. Várias são as hipóteses a serem consideradas: uma delas diz respeito aos instrumentos de coleta de dados e à formulação das questões; outra recai sobre a habilidade e a preparação do entrevistador; e uma terceira refere-se ao perfil do informante. Eliminamos de antemão o fato de o informante estar esgotado ou cansado, como aconteceu com os de Porto Rico, na coleta de dados para o Atlas Lingüístico de Hispanoamérica: Las Antillas, a que se refere Zaimandanis (1999), uma vez que o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB é o primeiro a ser aplicado e dele constam apenas 159 questões.

No que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, sabe-se que os questionários estruturados, ou mesmo os roteiros de entrevista, são elaborados criteriosamente visando à obtenção do maior número de respostas, com a expectativa até de que todas elas sejam preenchidas. Esta foi a meta do ALiB durante a elaboração dos Questionários do Atlas Lingüístico do Brasil (Comitê Nacional: 2001). A equipe dedicou quatro anos de estudos, debates, ajustes, aplicações experimentais em vários pontos do país, diversas versões apostiladas e três versões impressas até chegar ao produto final. O problema não

parece, pois, estar nem no número de questões (435 ao todo), nem na formulação das perguntas, uma vez que as mais complicadas contêm mais de uma sugestão.

Outra causa que pode predispor à não-resposta repousa na figura do entrevistador que, além de possuir uma habilidade natural, deverá passar por uma preparação rigorosa com vistas a poder solucionar os problemas que normalmente ocorrem em contatos dessa natureza. Sobre este aspecto, o ALiB dedicou atenção especial, reiterando aos Diretores científicos não só a necessidade de preparação da equipe de entrevistadores como a obrigatoriedade de cada candidato passar pelo aceite do Comitê Nacional mediante o envio de uma entrevista-teste. Esta entrevista, depois de analisada e aceita, volta para o candidato que deverá observar as recomendações, para então poder integrar a equipe de investigadores de campo. Outra medida tomada pelo Comitê, diante da impossibilidade de contar com um único entrevistador, foi o estabelecimento de um número restrito de entrevistadores que não deverá ultrapassar 30, recomendando-se que cada um faça, pelo menos, 30 entrevistas.

Finalmente, levanta-se a hipótese de a alta abstenção estar relacionada à personalidade do informante, devido a diversos fatores, dentre os quais a baixa escolaridade, o conhecimento de mundo mais restrito e os de natureza psicológica, como timidez, cansaço, doença, desinteresse e mesmo problemas pessoais, como falta de tempo, assunção de outros compromissos para aquela ocasião, entre outros.

O que não se discutiu até hoje, porém, é o limite aceitável de abstenções. Não se sabe, igualmente, como os geolingüistas do século passado reagiam diante das não-respostas, que deveriam ser comuns, principalmente porque os questionários eram muito extensos, chegando alguns a 5000 questões. Quanto aos atlas estaduais brasileiros, publicados ou concluídos, diante das reiteradas não-respostas, os autores explicam em notas os motivos da abstenções: problemas técnicos com o gravador, descuido do entrevistador, cansaço, timidez, esquecimento e desconhecimento do referente por parte do informante.

Sistematizando as conclusões, com base nos dados descritos e analisados, reforça-se que:

(i) Os informantes de baixa escolaridade tiveram um índice de não-respostas bem maior do que o índice dos informantes de nível superior, o que revela que a escolarização contribui na ampliação do universo cognitivo dos entrevistados;

(ii) A postura do entrevistador diz respeito à maior ou menor facilidade de reformular a questão para chegar à resposta desejada;
(iii) A maior parte das questões levou a respostas válidas do ponto de vista do preenchimento da pergunta, mas inadequadas para o objetivo do QFF. As perguntas permitiam o emprego de um parassinônimo, regional ou não, como no caso de *início*, *botar*, *companheiro*, *liquidação, questão, desvio, caminha, doido, braguilha, grelha, abóbora, prateleira*, *perguntar, companheiro, desmaio.*
(iv) Algumas expressões não fazem parte do conhecimento de mundo do informante, configurando-se como variante ligada ao meio rural (diatópica e diastrática): *ovelha* (informante de baixa escolaridade), *aftosa* (nível superior), ou diastrática e diassexual: *defesa* (baixa escolaridade mulheres).
(v) Os informantes da região Nordeste apresentaram o maior índice de não-respostas, seguidos dos falantes das regiões Norte e Sudeste (informantes de baixa escolaridade) e Centro-Oeste e Sudeste (informantes de nível superior). No quadro dos informantes de baixa escolaridade, o menor índice de abstenções ficou com a região Centro-Oeste e dentre os de nível superior, a Norte.
(vi) O maior número de não-respostas encontra-se nas capitais do Nordeste e os menores, nas capitais do Sul e Norte, independentemente do nível de escolaridade dos informantes.
(vii) As mulheres, ratificando pesquisas anteriores (Silva-Corvalán: 1989 e Paiva: 2003), foram mais produtivas, com menor número de abstenções.
(viii) Quanto ao fator diageracional, os idosos demonstraram maior conhecimento de mundo com um índice menor de não-respostas quando comparados com a produtividade dos mais jovens.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 25, Innsbruck, 2007. *Communications:* résumés. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 301.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil.* São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A expressão do sentido existencial no português do Brasil: ter, haver e existir. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 25, Innsbruck, 2007. *Communications:* résumés. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 185-186.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil:* Questionários. Londrina: Eduel, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Revisitando os conceitos rural *versus* urbano no português do Brasil: contribuições do Projeto ALiB. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 25, Innsbruck, 2007. *Communications:* résumés. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 313.

JESUS, Cláudia Santos de. O /s/ em coda silábica no Nordeste, a partir dos inquéritos do projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – SPEL e SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ANÁLISE DO DISCURSO – SPADIS, 3. e 3., Vitória da Conquista – BA, out. 2007. (Apresentação oral).

JESUS, Cláudia Santos de. Variação fonética no Português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /s/ em coda silábica, a partir dos dados do Atlas lingüístico do Brasil (ALiB). In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador, 2006. (Apresentação oral).

MOTA, Jacyra de Andrade. O valor estilístico de variantes estigmatizadas no português do Brasil, com base em dados do Projeto ALiB. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 25, Innsbruck, 2007. *Communications:* résumés. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2007. p. 318.

PASTORELLI, Daniele Silva; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Estudos Lexicais sobre o campo semântico do corpo humano em capitais brasileiras. In: Encontro Anual de Iniciação Científica, 16., 2007, Maringá-PR. *Anais do XVI EAIC* - Encontro Anual de Iniciação Científica. Maringá-PR: Eduem, 2007.

ROMANO, Valter Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. Um estudo rural vs urbano: perspectiva geolingüística. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS - 2007, 5., 2007, Rolândia-PR. *Anais do V Encontro Científico do Curso de Letras* - 2007. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2007_g/textos/17.htm>.

SANTOS, Andréa Mafra Oliveira dos; MOTA, Jacyra Andrade. *A variação diastrática no Português do Brasil:* palatalização das oclusivas dento-alveolares em inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). (Cópia da autora)

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística, Teoria y Análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

YIDA, Vanessa; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O papel da geolingüística no estudo da variação lexical: o contexto da alimentação e cozinha no Brasil. In: SELISIGNO E SIMPÓSIO DE LEITURA DA UEL, 5. e 6., Londrina, 2006. *Anais*... Londrina, v. 1, p. 1-7.

ZIAMANDANIS, Claire. La falta de respuesta y el desconocimiento em Puerto Rico: silenciar también es contestar. In: MORALES, Amparo; CARDONA, Julia; LÓPEZ MORALES, Humberto; FORASTIERI, Eduardo (Eds.). **Estudios de lingüística hispânica.** San Juan, Puerto Rico: Editorial de La Universidad de Puerto Rico, 1999.